



## O DISCURSO EUCLIDIANO ACERCA DA GUERRA DE CANUDOS: UMA INTERPRETAÇÃO ECOLINGUÍSTICA DE FONTES HISTÓRICAS

Maria Rosileide Bezerra de Carvalho (Universidade do Estado da Bahia)

Luiz Paulo Almeida Neiva (Universidade do Estado da Bahia)

**Abstract:** This article aims to characterize the formation process of the Euclidean discourse about Guerra de Canudos (Canudos War), the influence of power relations in its construction and the repercussions on the official discourse. The theory-methodology of ecological discourse analysis was used, involving the physical, mental and social contexts. The concept of discursive formation of historical sources was mobilized, using theoretical sources Albuquerque (2018), Alves & Acioli (2021), Couto (2007), Cunha (2003, 2000), among others. The analysis uses excerpts from *Os sertões* and reports written by its author Euclides da Cunha. The role of the dialogical relationship of exoecological factors in the semantic production of information during the conflict period is verified. Thus, exoecology, the external text production systems acted on the Euclidean discourse and guided the transformation/reconfiguration of the discursive formation of historical sources.

**Key words:** Ecolinguistics; Discourses; *Canudos war*; Discursive formation

**Resumo:** O presente artigo objetiva caracterizar o processo de formação do discurso euclidiano acerca da Guerra de Canudos, a influência das relações de poder em sua construção e a repercussão sobre o discurso oficial. Utilizou-se a teoria-metodologia da análise do discurso ecológica, envolvendo os contextos físico, mental e social. Mobilizou-se o conceito da formação discursiva de fontes históricas, utilizando fontes teóricas Albuquerque (2018), Alves & Acioli (2021), Couto et al. (2021), Couto (2007), Cunha (2003, 2000), entre outros. A análise se utiliza de excertos da obra *Os sertões* e das reportagens escritas por Euclides da Cunha. Verifica-se o papel da relação dialógica dos fatores exoecológicos na produção semântica da informação no período do conflito. Assim, a exoecologia, os sistemas externos de produção do texto atuaram sobre o discurso euclidiano e nortearam a transformação/reconfiguração da formação discursiva de fontes históricas.

**Palavras-Chave:** Ecolinguística; Discursos; Guerra de Canudos; Formação discursiva.

### Introdução

Os estudos do discurso procuram investigar os sentidos materializados nos textos e demais expressões culturais, os fatores intervenientes em suas produções e as repercussões nas diferentes práticas sociais. Este artigo objetiva caracterizar o processo de formação do discurso euclidiano acerca da Guerra de Canudos, a influência das relações de poder em sua construção, e a repercussão sobre o discurso oficial vigente à época. Utilizou-se a teoria-metodologia da análise do discurso ecológica, envolvendo os contextos físico, mental e social. Ademais, mobilizou-se o conceito da formação discursiva de fontes históricas e seu papel na reconstrução do passado e quanto ao processo de transformação/reconfiguração, de acordo com os fatores endo e exoecológico que os contextualizam ao longo do tempo. Para tanto, foram utilizados os aportes teóricos de Albuquerque (2018), Alves & Acioli (2021), Couto *et al.* (2021), Couto (2007), Castro & Santos (2016), Cunha (2003, 2000), entre outros. A análise se utiliza, como *corpus* de apoio, excertos da obra *Os sertões*, e das reportagens escritas por Euclides da Cunha.

Para a consecução dos objetivos propostos, o presente artigo é dividido em três partes. Na primeira seção, as formações discursivas de fontes históricas são abordadas segundo seu papel na reconstrução do passado, sua relação com a noção de ideologia, e quanto ao processo de transformação/reconfiguração. Na segunda seção, são apresentados brevemente os contextos socioeconômico, político, cultural e ambiental subjacentes à Guerra de Canudos, enquanto fatores exoecológicos, bem como, a influência destes no processo de produção das reportagens e da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Na terceira seção, discute-se a ecolinguística como campo epistêmico para a visão holística da linguagem e do sujeito ecológico, bem como, para a análise do discurso euclidiano e das suas transformações/reconfigurações. Em seguida serão discutidos, enquanto fator exoecológico, o papel da imprensa e de suas narrativas ideologizadas na formação da opinião pública, consubstanciando a depreciação de Antônio Conselheiro e seus seguidores, que culminou na escalada do conflito e o extermínio dos opositores.

### 1- As Formações Discursivas de fontes históricas e a reconstrução do passado

A reconstrução do passado a partir da interpretação de fontes históricas em suas formações discursivas, possibilita desvelar as relações de poder e interesses políticos e econômicos existentes

## ECO-REBEL

nos discursos oficiais, bem como identificar a formação dos discursos equivocados a partir do confronto de retóricas antagônicas produzidas.

Segundo Foucault (1971), uma formação discursiva se estabelece a partir de determinadas regularidades do tipo ordem, correlação, funcionamento e transformação. As regras de formação determinam condições de existência, coexistência, modificações e desaparecimento de uma dada repartição discursiva.

No quadro teórico da análise do discurso, segundo Pêcheux, ao contrário do que ocorre na arqueologia de Foucault, não só é pertinente falar em ideologia juntamente com o sujeito, tomando-a como princípio organizador da formação discursiva (INDURSKY, 2000). Ademais, Pêcheux introduz a diferença e a divisão como características da ideologia, ou seja, ela é heterogênea e vive sob o signo da contradição.

A transformação/reconfiguração de uma formação discursiva é resultante do encontro do sujeito do discurso com a linguagem e a história, na qual podem ocorrer tipos de falha no ritual: i) a primeira dá origem à entrada de novos saberes, anteriormente alheios a um determinado domínio de saber; ii) a outra falha no ritual pode significar não apenas a transformação/reconfiguração, mas a fragmentação da própria forma-sujeito; iii) uma outra falha no ritual pode resultar na instauração de uma nova posição-sujeito que traz para o interior da formação discursiva, saberes que aí causam estranhamento e introduzindo em seu interior ambiguidade ideológica e efeitos de divisão (INDURSKY, 2000). A autora explicita que falha no ritual remete para uma falha na interpelação do sujeito, visto que o ritual é passível de falhas que o sujeito pode identificar nos saberes de sua formação discursiva, passar a questioná-los e identificar-se com outra formação discursiva.

Segundo Azpeitia (2015), para descrever o processo de produção de um discurso e, dessa forma, identificar as marcas que este processo deixou no texto, é preciso atentar para as condições de produção daquele texto. Esta informação extratextual encontra-se, preponderantemente, formada por outros textos. A leitura ideológica de qualquer texto sempre é possível, pois, tratando-se de uma dimensão relativa às condições de produção do dito texto, encontra-se as marcas da formação social onde o texto foi produzido.

Nesta perspectiva, na próxima seção, serão apresentadas as informações extratextuais que compõem os contextos socioeconômico, político, cultural e ambiental em torno da Guerra de Canudos, e a influência destes no processo de produção das reportagens, tudo visto no jornal o *Estado de São Paulo* e na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que era correspondente do jornal.

### 2- Guerra de Canudos: fatores exoecológicos ao conflito e suas repercussões

Os discursos constituem um conjunto de produções verbais cuja construção é inseparável de suas condições de elaboração, ou seja, do processo interativo entre enunciados, ambientes sociais, culturais, políticos, cognitivos, numa perspectiva ecossistêmica. (ALVES & ACIOLI, 2021).

A Guerra de Canudos, bem como todo o seu contexto socioeconômico, político, cultural e ambiental subjacente, é objeto de diversos estudos de historiadores, sociólogos, literatos, jornalistas e outros estudiosos brasileiros, e também estrangeiros, com destaque para Mario Vargas Llosa, escritor peruano, autor de *La guerra del fin del mundo*, publicado em 1981. Ademais, o conflito foi tema de diversas peças de teatro, filmes, documentários e uma minissérie da televisão brasileira.

A Guerra narrada por Euclides da Cunha em *Os Sertões* marca a historiografia brasileira, e traveste-se em denúncia sobre a grande injustiça perpetrada pelo Estado brasileiro, em uma luta desigual contra a população de Belo Monte, respaldada, muitas vezes, por falsas narrativas veiculadas pela imprensa da época. Importa ressaltar que “o primeiro contato de Euclides da Cunha com seu objeto viria através da participação na Guerra de Canudos como enviado especial do jornal *O Estado de São Paulo*.” (GALVÃO, 2022, p.2). Certamente, os artigos produzidos na função de correspondente serviram de fonte inicial na escrita de *Os Sertões*, lançado com imenso sucesso em 1902, cinco anos após o final da Guerra.

Segundo Azpeitia (2015), muito tem havido muito debate acerca do gênero ao qual pertence *Os Sertões*. Escrita com estilo florido e rico em erudição, caracterizada como ensaio, tratado científico e, também, narrativa épica, especialmente, no capítulo “A luta”. *Os Sertões* procura apresentar de forma minuciosa a verdade factual, transparecendo a influência positivista e cientificista, mas, também, traz a visão subjetiva do autor, como em um romance de ficção. Assim, com sua riqueza linguística, narrativa e histórica, continua sendo a fonte inesgotável de estudo e pesquisa.

Ribeiro (2015), aponta que o interesse pelo estudo e pela representação da Guerra de Canudos resulta de comoção da população brasileira ao tomar conhecimento, notadamente ao final da guerra, da violência extremada empreendida contra a população de Canudos.

## ECO-REBEL

[...] percebemos que esse choque se deu, principalmente, com o fim da guerra, pois nos principais jornais chegaram notícias do grande número de mortos e dos crimes cometidos pelas tropas federais, como a degola desnecessária dos prisioneiros, estando entre eles diversas crianças, mulheres e idosos. Os próprios jornalistas, muitos deles, indignaram-se com tais práticas e saíram do campo de batalha com opiniões sobre o Exército e a campanha bem diferentes daquelas que tinham no início da guerra. Grande exemplo disso foi Euclides da Cunha que, posteriormente, denunciou em sua epopeia, *Os sertões*, os erros e covardias do Exército e a bravura do povo de Belo Monte. (RIBEIRO, 2015, p.16).

A Guerra de Canudos se estendeu de novembro de 1896 a outubro de 1897. Neste período, houve quatro expedições militares contra a cidade de Canudos, resultando em milhares de mortos e destruição completa do arraial. Na história de ocupação dos sertões da Bahia, a constituição e extinção do arraial de Canudos são marcadas por fatos peculiares, compostos pelas questões políticas, econômicas, sociais, teológicas e outras (CALASANS, 1987; VILLA, 1995).

Quando começou a escalada do conflito com os habitantes de Canudos, em 1895, o país encontrava-se no sexto ano de governo republicano e há cinco anos do falecimento de Pedro II, inviabilizando qualquer tentativa de restauro da monarquia. Entretanto, a república ao tentar recolher impostos, obrigar declaração de propriedades, e a organização do comércio segundo as leis do capitalismo, levou a população local à reação instintiva de refugiar-se no sistema anterior (AZPEITIA, 2015).

Em *Os Sertões*, segundo Galvão (2022), são apresentados fatores vinculados à república recém-instalada, que corroboraram para a eclosão do conflito:

Tentando elucidar a origem da Guerra de Canudos, Euclides mostra como o advento da República acarreta alterações que perturbam o ânimo dos conselheiristas: novos impostos, separação entre Igreja e Estado, liberdade de culto e instituição do casamento civil, que contradizia frontalmente um sacramento católico (GALVÃO, 2022, p. 4).

De acordo com a autora supracitada, após a segunda expedição, com o recuo, abandono, fuga dos militares e vitória dos jagunços, cresceu a importância social e fama do arraial de Canudos, que experimentou um aumento populacional de centenas de pessoas. A fama impulsionou também medidas mais drásticas de combate militar, político e econômico aos ideais existentes no arraial. Com isso, uma nova expedição, a terceira, foi realizada. Novos caminhos foram traçados, novas experiências fracassadas, novas provas de desconhecimento do território se mostraram, resultando no insucesso da expedição militar. Em 1897, é preciso uma nova expedição militar para arrasar o arraial de Canudos. Na quarta investida militar, destruíram Canudos com incêndios do arraial e grande parte da população foi dizimada de forma bárbara.

Em seguida, a ecolinguística será discutida como campo epistêmico para formação holística da linguagem e do sujeito ecológico, bem como, para a análise do discurso euclidiano e das suas transformações/reconfigurações.

### **3- A ecolinguística como campo epistêmico para a análise do discurso euclidiano**

Nesta seção, serão tratados de forma sucinta aspectos históricos e teórico-metodológicos que permeiam a proposição da ecolinguística, e mais especificamente da linguística ecossistêmica, como campo epistêmico para o enfrentamento das lacunas observadas nas demais teorias linguísticas, ao abordar-se interações entre os aspectos linguísticos e o meio ambiente. O texto tomou por base os estudos de Albuquerque (2018); Couto (2007, 2009).

A ecolinguística, corrente que surgiu na década de 1970 com o linguista Haugen (1972), que, mesmo não empregando o termo “ecolinguística”, propôs uma análise ecológica das línguas, levando-se em consideração as interações entre aspectos linguísticos e o meio ambiente. Assim, pode ser definida como o estudo das relações entre a língua e seu meio ambiente.

A vantagem da visão ecolinguística é que, diferentemente de todas as demais teorias linguísticas, ela permite estudar a língua e os meios ambientes de modo integrado na ecologia da interação comunicativa (EIC). Com base nos dados coletados, procura-se compreender não apenas o que o texto quer dizer, mas como o faz. Trata-se, assim, de um procedimento de análise descritiva e interpretativa, que pretende observar o escopo da pesquisa de maneira abrangente para descrever a realidade de forma holística, e depois direcionada, na fase interpretativa aos conceitos da ecologia. (ALBUQUERQUE, 2018; COUTO, 2009).

Segundo Albuquerque (2018), a ecolinguística possui diferentes vertentes e modelos teóricas, destacando-se ecolinguística crítica, análise do discurso ecocrítica, linguística ambiental, ecolinguística dialética, linguística ecossistêmica e ecologia das línguas. Além disso, a ecolinguística também apresenta diferentes modelos teóricos, como o modelo gravitacional, o modelo evolucionário, o modelo da gramática pragmo-ecológica, entre outros. (ALBUQUERQUE, 2018, p. 22)

A linguística ecossistêmica foi apresentada em Couto (2007). Sua proposta teórica enfatiza a importância de três elementos: a língua (L), o povo (P) e o território (T) que, juntos, formam a ecologia fundamental da língua (EFL), sendo estes três elementos ligados aos três meio ambientes social, mental e natural, ou seja, o ecossistema linguístico natural, mental e social. Identifica-se,

## ECO-REBEL

também, o ecossistema linguístico geral e local. O ecossistema linguístico geral, equivale à comunidade de língua e ao domínio do sistema. Já o ecossistema linguístico local consiste na comunidade de fala, ou de interação, sendo, assim, o ecossistema onde ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC). Inclui também um ramo importantíssimo que é a análise do discurso ecológica (ADE)

A linguística ecossistêmica vê a língua não como instrumento para comunicação ou expressão do pensamento, como fazem as teorias estruturalistas e a linguística neurocognitiva, mas como a própria comunicação e expressão do pensamento (COUTO, 2009).

Quanto aos aspectos teórico-metodológicos, as análises desenvolvidas a partir da ecolinguística são realizadas de maneira diversificada e procuram alcançar variados objetivos, suscitando críticas que argumentam a ausência de teoria e metodologia próprias por parte da disciplina. Couto (2009), ao rebater as referidas críticas, argumenta que a ecolinguística é uma ciência que tem uma visão abrangente de seu objeto de estudo, ou seja, uma visão holística da linguagem, e acaba por não se limitar à visão newtoniana-cartesiana tradicional. Assim, ela não precisa necessariamente ter uma visão única de seu objeto, nem metodologia própria (COUTO, 2007, p. 282).

A teoria ecolinguística da ecologia fundamental da língua (EFL), ou ecossistema fundamental da língua, formulada por Couto (2007) é composta pela linguagem (L), pelo povo (P) falante da L e o território (T) onde o P reside e fala a L. Sua metodologia consiste na coleta e na análise inicial dos dados de acordo com as teorias linguísticas tradicionais. Realiza-se em seguida, uma nova interpretação dos resultados, com base na teoria ecolinguística, com a verificação das interrelações entre os elementos de L, P e/ou T.

Importa ressaltar que, por ter uma visão holística da linguagem, a ecolinguística pode utilizar recursos de outras disciplinas para estudar um fenômeno linguístico específico. Entretanto, não se propõe a ser uma teoria ou ciência que estuda tudo. Não sendo válido, portanto, falar em uma metodologia própria, pois utilizará a metodologia de outras disciplinas. “As interpretações dos dados e das análises é que seguirão os conceitos da ecolinguística, considerando, assim, a metodologia da ecolinguística como multimetodológica por causa de seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar”. (COUTO, 2009, p. 291).

Dessa forma, segundo o mesmo autor, a ecolinguística preconiza a mudança do foco de interesse e objetivo de investigação para o estudo das relações, em detrimento do estudo dos

## ECO-REBEL

objetos, como ocorre na visão tradicional mecanicista. Ademais, em vez de se eliminar a importância do pesquisador/observador colocando-o como figura neutra, considera-se sua perspectiva como experienciador das relações a serem estudadas por ele.

Segundo Albuquerque (2018), os pressupostos teóricos da linguística ecossistêmica são os mesmos da ecologia biológica, além de trabalhar conceitos da ecologia de forma não metafórica, justificando o destaque para este ramo da ecolinguística. O conceito de meio ambiente, um dos pilares da ecolinguística, é entendido como o local onde ocorrem as interações linguísticas. O ecossistema é o conjunto maior onde estão localizados os diferentes meios ambientes e onde ocorrem as várias inter-relações. Estas são definidas como a série de interações que ocorre dentro do ecossistema (dos componentes bióticos entre si; entre os componentes bióticos e abióticos; e dos componentes abióticos entre si). Já a adaptação consiste basicamente nas modificações feitas para a sobrevivência das espécies em relação a mudanças no ecossistema. A evolução está intimamente ligada ao conceito de adaptação. Segundo a teoria linguística atual, a língua apresenta variação e mudança, no decorrer da história. A diversidade consiste no processo de estudar e valorizar a importância do grande número existente de espécies pelo mundo. Sendo que cada espécie possui seu respectivo papel dentro do ecossistema, ou até dentro da grande teia de relações do planeta, a hipótese de Gaia.

Portanto, é possível identificar na ecolinguística, e mais especificamente na linguística ecossistêmica, um sujeito falante, ecológico, que sofre e realiza interações no ecossistema. A língua, por sua vez, sofre variação e mudança ao longo do processo sócio-histórico, resultando em evolução decorrente das adaptações e interações ocorridas. Assim, a análise do discurso ecológica, passa a ser utilizada para estudar os discursos como um conjunto de produções verbais cuja construção é inseparável de suas condições de produção, isto é, do processo interativo entre enunciados, ambientes sociais, culturais, políticos, cognitivos, numa perspectiva ecossistêmica.

Em seguida serão discutidos, enquanto fator exoecológico, o papel da imprensa e de suas narrativas ideologizadas na formação da opinião pública, levando à depreciação de Antonio Conselheiro e seus seguidores, que culminou na escalada do conflito e o extermínio dos opositores.



### 4- Papel da imprensa e da narrativa científicista para validação da barbárie

O papel da imprensa na época da Guerra de Canudos, enquanto partícipe do sistema de formação de opinião, confirma a importância que a narrativa desempenha na construção da memória coletiva, buscando respaldar a escalada do conflito e seu bárbaro fim.

Segundo RIBEIRO (2015), o século XIX foi um período de grandes mudanças e conquistas para a sociedade brasileira. A imprensa foi instaurada no país e uma esfera pública e uma opinião pública foram se formando na sociedade, influenciando o desenvolvimento e consolidação de movimentos sociais, principalmente nos grandes centros urbanos, que resultaram na proclamação da independência, libertação dos escravos e, na proclamação da república, cuja instauração foi considerada um ato libertador, que modernizaria e tornaria a nação igualitária. Assim, a imprensa, ao longo do século XIX, participou como instrumento de divulgação de ideias e formação de opinião em diversas etapas importantes da história da sociedade brasileira.

Noções científicistas importadas da Europa, como o positivismo e o evolucionismo, eram utilizadas pela elite intelectual formada nas universidades e centros de pesquisa do país, bem como, por militares, para explicar e interpretar a realidade do país. Circulavam entre esses intelectuais ideias de que havia sociedades mais evoluídas, as ocidentais, e as menos evoluídas incluíam aborígenes, indígenas, negros, entre outras sociedades consideradas primitivas. Ademais, conceitos do “darwinismo social”, no qual, a raça e o meio eram considerados fatores que influenciavam a evolução ou a estagnação social. Assim, a personalidade e o caráter de um povo eram moldados pelo ambiente e determinados pela raça. O desenvolvimento da ciência era outro critério definidor, pois sociedades que não utilizavam conhecimentos científicos a fim de se organizarem eram consideradas primitivas, bárbaras e incivilizadas (RIBEIRO, 2015).

Segundo Castro, (1995), os princípios positivistas foram difundidos na Escola Militar da Praia Vermelha, centro formador dos militares que idealizaram a proclamação da república brasileira.

[...] Basicamente, os princípios positivistas, oriundos dos ensinamentos difundidos por Comte, concebiam o intelectual brasileiro como responsável e missionário pelo futuro do País. Cabia a ele civilizar os bárbaros e lutar por uma nação justa, igualitária e evoluída. Essas metas só seriam alcançadas, segundo esses ideais, por meio do regime republicano. A Monarquia, nesse contexto, era identificada com o autoritarismo e o retrocesso (RIBEIRO, 2015. p.18-19).

Euclides da Cunha, como muitos intelectuais e cientistas, acreditavam e utilizavam ideias científicistas, positivistas e deterministas com o propósito de respaldar princípios democráticos,

## ECO-REBEL

aboliconistas e republicanos. Evidentemente, nem todos estavam imbuídos de sentimentos de justiça social e igualitária, pois objetivos econômicos estavam sempre subjacentes.

Importante ressaltar que tal contexto levou à vinculação da comunidade de Canudos ao movimento monarquista, e Antônio Conselheiro e os seus seguidores a serem identificados como degenerados, retrógrados e incivilizados, justificando, assim, sua destruição. Identificamos, assim, a noção de formação discursiva conforme as considerações teóricas de Pêcheux, ou seja, concebida em vinculação com a noção de ideologia. Os enunciados discursivos compõem um domínio do saber e representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente, regulando o que pode e deve ser dito.

Os discursos veiculados pela imprensa da época tinham como objetivo desmoralizar e criminalizar o movimento sertanejo e apoiar a sua destruição. Porém, havia argumentos que identificavam, basicamente, o movimento como um grupo de revoltosos que intencionavam deflagrar um golpe restaurador, e havia outros discursos que não os consideravam monarquistas, mas como um perigo ao desenvolvimento do país.

Essa guerra foi um marco na história da imprensa nacional devido a seu impacto fora do comum: pela primeira vez no país procedeu-se a uma cobertura jornalística em bloco no palco dos acontecimentos, viabilizada pela recente instalação de linhas de telégrafo sulcando o sertão. As principais folhas de Rio, São Paulo e Bahia criaram uma coluna especial, quase sempre intitulada “Canudos,” dedicada exclusivamente ao assunto, por toda a duração da guerra. Além disso, estampavam qualquer coisa: invencionices, pareceres dogmáticos de militares de partido previamente tomado, documentos forjados, cartas falsas. A divulgação de todos esses materiais tinha por objetivo comum reforçar a ideia de uma iminente restauração monárquica (GALVÃO, 2022, p. 2).

O interesse da imprensa pela guerra é confirmado em virtude da grande quantidade de material publicado sobre o assunto, bem como pelo envio de correspondentes especiais à Bahia por parte dos jornais. As principais cidades em que esses correspondentes atuaram foram Salvador, Cansanção, Queimadas, Monte Santo e Canudos. Esses correspondentes foram enviados à Bahia no decorrer da quarta expedição, pois, após a derrota da expedição Moreira César, houve muito interesse e preocupação em âmbito nacional. Ademais, as classes dominantes não aceitaram a possibilidade de quebra do monopólio da terra, mediante uma revolta armada no campo.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, além de ter publicado os artigos de Euclides da Cunha, colaborador habitual desde 1888, divulgou diversos artigos, cartas e telegramas oficiais do governo ou do exército. Dentre estas publicações, ganhou destaque dois artigos publicados por Euclides com o mesmo título de *A nossa Vendeia*, o primeiro em 14 de março de 1897 após o fracasso da

## ECO-REBEL

terceira expedição e morte do general Moreira César, e o segundo em 17 de julho do mesmo ano, com o envio da quarta expedição. (GALVÃO, 2022; BARONI, 2011).

Os artigos estabeleceram conexões entre o conflito no sertão da Bahia e a Guerra de Vendeia, na França (1793 – 1796). “Num conciso sintagma de três termos, transpunha para o coração do Brasil a revolta monarquista católica coligando campesinato e nobreza (1793) em reação contra a revolução francesa, democrática, laica e republicana” (GALVÃO, 2022, p. 9). Esta comparação foi aceita e adotada amplamente. Estes dois artigos foram produzidos antes da partida de Euclides da Cunha para Canudos, portanto, seus conhecimentos a respeito do meio e do homem dos sertões foi baseado em estudos e pesquisas.

No primeiro artigo, Euclides da Cunha escreve sobre o solo, a vegetação e o clima da região de Canudos. Segundo Baroni (2011), já é possível identificar a tentativa de compreensão sobre o sertanejo e sua intrínseca relação com a terra, além da identificação desta última, como elemento protagonista para a luta. Não há cisão entre o homem e a natureza, que eram descritos como estando em sintonia, como exposto a seguir: “[...] esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam” (CUNHA, 2000, p. 50-51). O vínculo homem e solo é também utilizado por Cunha para justificar, “[...] sob um ponto de vista geral, *a aproximação histórica expressa no título do artigo*” (CUNHA, 2000: 50-51, destaque nosso).

Euclides já fazia referência ao inimigo inatingível no artigo anterior, entretanto, no de 17 de julho, aprofunda na compreensão da região, da terra, da sensação de imobilidade da paisagem para poder caracterizar o sertanejo, o jagunço, em íntima comunhão com o meio. Ressalta também a sua vestimenta toda feita de couro curtido, das alparcatas ao chapéu de abas largas, sábia proteção contra os espinhos que sequer a ferem. “Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem – bárbaro, impetuoso, abrupto” (CUNHA, 2000: 57).

Ao identificar o sertanejo como homem fanatizado, ingênuo, simples e sob influência monarquista, Euclides da Cunha traça paralelos entre o fanatismo sertanejo e o dos *chouans* de Vendeia, além de destacar o papel protagonista exercido pela terra nos dois conflitos.

No artigo de 17 de julho de 1897, além de descrever mais detalhadamente o meio físico do sertão, Euclides da Cunha busca compreender a tática de guerra dos sertanejos, comparando-a com os conflitos entre as forças inglesas contra os zulus e os afghans, com o conflito francês em Madagascar e com as forças italianas contra os abissínios (BARONI, 2011).

## ECO-REBEL

Como integrante da quarta expedição, exercendo as funções de repórter e adido do Estado Maior do ministro da Guerra, Euclides da Cunha enviou para o jornal *O Estado de São Paulo*, a série de correspondências que levaria o título de *Diário de uma Expedição* (CUNHA, 2000).

Da leitura dessas correspondências, depreende-se como Euclides se encaminhou para Canudos presa da mesma lavagem cerebral que as forças armadas e os demais jornalistas, tomados todos de entusiasmo republicano e de fervor sacrificial. Encontravam-se prontos a dar a vida pela República que tanto prezavam, não sem antes extirpar do mundo a ameaça monarquista. É ao longo do desenrolar das reportagens que o leitor pode entrever dúvidas incipientes a se insinuarem no espírito do escritor, *que dá os primeiros sinais de desconfiar da propaganda maciça*. Essas dúvidas serão depois intensamente elaboradas em *Os Sertões* (GALVÃO, 2022, p.6, destaque nosso).

As reportagens começaram a bordo do navio Espírito Santo, que conduzia tropas no percurso Rio-Bahia. Em Salvador, capital da Bahia, cabe destaque para a narrativa de Euclides acerca do interrogatório de um jagunço de catorze anos feito prisioneiro, que negara o que os interrogadores sugeriam.

Euclides observa: “... não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão”. Esse é o primeiro sinal de que a inteligência de Euclides está prestes a captar algum engano no ar. Penetrando no sertão e chegando até Canudos, o escritor vai gradativamente intensificando esses sinais, e mitigando o entusiasmo patriótico que no início demonstrara, sem, todavia, perdê-lo de vez (GALVÃO, 2022, p.9).

O poderio bélico da quarta expedição, com abundância de homens, armas e munições, não tardou a aquebrantar a resistência canudense. O arraial foi colocado sob bombardeio durante vários dias, sendo suas casas completamente incendiadas.

O arraial se calou, sem se render, a 5 de outubro de 1897. Os últimos resistentes, calcinados numa cova no largo das igrejas, não eram mais que quatro, dos quais dois homens, um velho e um menino. Sempre lembrado, esse final inglório tornou-se representativo daquela que foi uma guerra de extermínio contra uma população indefesa (GALVÃO, 2022, p.7).

Ao término da Guerra de Canudos, tornou-se evidente que não ocorrera conspiração ou apoio logístico partindo de monarquistas aos sertanejos. Posteriormente, a partir de denúncias e testemunhos, foi possível constatar que houvera clara manipulação da opinião pública, mediante narrativas formuladas pela classe dominante e sustentadas e veiculadas pela imprensa da época.

Neste sentido, identifica-se a primazia do discurso oficial e muitas vezes equivocado, cuja retórica visava promover e manter as relações estratégicas e de poder entre a igreja católica, os donos de terras e os políticos, em detrimento da realidade de resistência à ordem social, política e religiosa imposta aos sertanejos pelas elites locais.

## ECO-REBEL

A contraposição ao discurso oficial só ocorreria após o final do conflito, sendo protagonizada pelos principais jornais ao noticiarem o grande número de mortos e os crimes cometidos pelas tropas federais, incluindo a prática da degola em prisioneiros rendidos, incluindo crianças, mulheres e idosos. Assim, a participação da imprensa, através da veiculação de narrativas, foi decisiva para justificar o temor e combate aos conselheiristas, bem como, para influenciar a defesa dos mesmos pela opinião pública após o término da guerra. Posteriormente, a denúncia seria realizada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*:

“Não se fez uma guerra, subordinada a preceitos invioláveis – fez-se uma diligência policial com oito mil homens. [...] “Perdido no deserto, jungido a provações imensas, muitas vezes sem os mais elementares recursos e sob o ataque persistente e traiçoeiro do inimigo, o soldado brasileiro jamais patenteará abnegação maior” (CUNHA, 2000, p.79-80). [...] “Difícilmente se encontra, folheando a história inteira, um exército que, já quase faminto de véspera e extenuado de combates, se bate durante catorze horas, da madrugada à noite, sem tomar sequer uma gota de água” (CUNHA, 2000, p.80).

Segundo Calasans (1997), seguiu-se uma onda de esquecimento após o final da guerra, o que foi rompido pela publicação da obra *Os Sertões*, em 1902. O historiador Marco Antônio Villa também atribui à obra de Euclides da Cunha a grande visibilidade dada ao conflito até os dias atuais (VILLA, 1995). Assim, é necessário reconhecer o mérito de Cunha em impedir o apagamento de valores e memórias, bem como, o silenciamento das vozes dos canudenses barbaramente massacrados. Nesta perspectiva, a obra assume seu papel vingador<sup>1</sup> ao condenar as ações brutais do exército republicano em suas investidas contra o Arraial, e empreender iniciativas na defesa dos sertanejos. Galvão (2022), aponta a mudança na narrativa euclidiana ocorrida das reportagens à publicação de *Os Sertões*:

Cinco anos, ou um pouco menos computando os trâmites editoriais, foram necessários para a verdadeira metamorfose que vai das reportagens a *Os Sertões*: cinco anos e uma grande ambição. A massa de informações científicas e históricas acumuladas no livro aponta para o risco da dispersão. Mas, ali reunidas, ganham uma certa unificação, que lhes é conferida pelo estilo naturalista, então predominante na literatura brasileira, junto com um tratamento parnasiano da paisagem (GALVÃO, 2022, p.10)

---

<sup>1</sup> Em carta, datada de 21 de abril de 1902, enviada ao amigo Francisco Escobar, Euclides de Cunha assumia a postura de defensor dos canudenses: “Serei um *vingador* e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogados dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária...” (CUNHA, 1997, p. 133, grifo nosso).

## ECO-REBEL

Tomando por base Indursky (2000), pode-se inferir que a transformação/reconfiguração da formação discursiva das reportagens para *Os Sertões* é resultante do encontro do sujeito do discurso, Euclides da Cunha, com a linguagem e a história. A adição de novos saberes, oriundos sobretudo do testemunho ocular do conflito, além das pesquisas nos vários domínios do saber, como antropologia, botânica, zoologia, geologia, entre outros, resultou em falhas no ritual, que por sua vez originaram não apenas a transformação/reconfiguração, mas a instauração de uma nova posição-sujeito revelada na sua formação discursiva.

Albuquerque (2018), identifica na ecolinguística, e mais especificamente na linguística ecossistêmica, a variação e mudança como decorrente das adaptações e interações ocorridas ao longo do processo sócio-histórico. O sujeito falante Euclides da Cunha sofreu e realizou interações no ecossistema, portanto, o processo de construção do seu discurso foi interativo entre enunciados, ambientes sociais, culturais, políticos, cognitivos reverberando-se na transformação/reconfiguração identificada.

Utilizando os mesmos sintagmas do tipo “A nossa Vendeia”, Euclides da Cunha publica, em 1902, sua obra literária e histórico-jornalística dividida em três partes: *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*. Com relação à *Terra*, encontra-se a descrição do ambiente do sertão, para que são mobilizados textos e autores de diversas áreas de conhecimento (geologia, meteorologia, botânica, zoologia, física e química), compondo um verdadeiro estudo geográfico da região. Observa-se uma antropomorfização dos seres da natureza. Em *O Homem*, há a descrição da vida e dos costumes do sertanejo, sendo este determinado pela tríade meio, raça e história. Configura-se em estudo antropológico e sociológico do sertão nordestino, ao utilizar escritos de história da colonização, de folclore, de psiquiatria, de neurologia, de sociologia, de etnologia. Ao abordar a resistência do povo sertanejo da terra, caracterizou Antônio Conselheiro, desde sua genealogia, aos propósitos enquanto líder do movimento de Belo Monte. Assim, “O determinismo, o cientificismo, o evolucionismo, a noção de linearidade do progresso tido como inelutável, as preocupações ligadas aos fatores hereditários, tudo isso tem frequentemente voz ativa na narrativa” (GALVÃO, 2022, p.26). Na parte *A Luta* o autor descreve o conflito entre o exército brasileiro e os sertanejos conselheiristas ao abordar as quatro expedições realizadas pelo exército contra o Arraial de Canudos. Para tanto, são utilizadas suas próprias reportagens e cadernetas de campo, reportagens dos outros correspondentes, bem como, ordens do dia do exército aos relatórios de governo (GALVÃO 2022; RIBEIRO, 2015).

## ECO-REBEL

Com o final da guerra de canudos, consolida-se o regime republicano no Brasil, a partir do massacre do Arraial e a resultante intimidação a uma suposta restauração monárquica.

Euclides da Cunha narrou em suas obras as impressões com relação ao lugar outrora desconhecido, que adentrara em razão das atividades de correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, e de adido militar, como também inter-relacionou esse espaço com os sujeitos que nele viviam.

A seca mereceu repetidas menções, com várias hipóteses sobre sua gênese, que vão desde a influência das manchas solares até o peculiar regime dos ventos. Posteriormente passará das hipóteses às propostas de solução. A flora da caatinga é descrita como se desenvolvendo entre dois meios desfavoráveis: o terreno árido e o calor do sol. Suas mutações adaptativas visam protegê-la da morte ou por sede ou por insolação. Euclides, ao concluir que o sertão de Canudos é único, pois suas características não coincidem exatamente com nenhuma taxonomia pré-existente, antecipa a relevância da caatinga ao constituir-se como único bioma exclusivamente brasileiro. No excerto a seguir, a descrição da vegetação característica:

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o com as folhas urticantes, como espinho com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante (CUNHA, 2009, p. 51).

Segundo Silva *et alli* (2014), Euclides também manifesta, anacronicamente, um sentimento de afetividade pelo sertão, ao descrever a ressurreição da flora após a ocorrência de chuvas, enaltecendo a mudança de clima e de paisagem que tornam possível a vida do homem. “Toda a narrativa e descrição barrocas da paisagem são constituídas por antíteses, sendo o paraíso e o inferno apenas uma de tantas” (SILVA *et alli*, 2014, p.258).

No que concerne à Terra, os seres da natureza, antropomorfizados, são dotados de sentimentos ou mesmo de desígnios:

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam. O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título do artigo (CUNHA, 2000: 50-51).

## ECO-REBEL

Além dos jagunços canudenses, que batalhavam contra as tropas do exército, existiam as formas vegetais características da caatinga, desfavoráveis às tropas militares, que gastavam tempo e esforços físicos para cruzar os caminhos, confirmando mais uma vez, o protagonismo da terra. (CUNHA, 2009).

A associação ambiente-homem era o forte entrave à vitória das forças governamentais. O tema da simbiose entre homem e meio, surge também quando escreve sobre o favorecimento da natureza ao jagunço, com a confecção de armamento para o seu rústico arsenal: “as cavernas numerosas que se abrem nas camadas calcárias dão-lhes o salitre para a composição da pólvora e os leitos dos córregos, lastrados de grãos de quartzo duríssimos e rolados, são depósitos inexauríveis de balas” (CUNHA, 2000: 59).

Em *Os sertões*, Euclides expõe o fanatismo dos soldados em relação aos ideais republicanos, fanatismo esse que não aparece em suas reportagens. Nestas, a barbárie é restrita aos jagunços. Estes emergem como lutando para defender as suas casas da invasão dos soldados do estado. Há a degola, barbárie soldadesca. Há, assim, inúmeros exemplos que seguem distintas formações discursivas em *Os sertões* e nas reportagens escritas ao longo da Campanha.

### Considerações finais

As formações discursivas em fontes históricas possibilitam desvelar as relações de poder, interesses políticos e econômicos existentes nos discursos oficiais, bem como, identificar a formação de discursos equivocados a partir do confronto das retóricas antagônicas produzidas. A transformação/reconfiguração de uma formação discursiva é resultante do encontro do sujeito do discurso com a linguagem e a história. Assim, conhecer as condições de produção de um texto possibilita sua leitura ideológica, visto que nele são impressas as marcas da formação social de onde o texto foi produzido.

A guerra narrada por Euclides da Cunha em *Os Sertões* marca a historiografia brasileira, e traveste-se em denúncia sobre a grande injustiça perpetrada pelo estado brasileiro, em uma luta desigual contra a população de Belo Monte, respaldada, muitas vezes, por falsas narrativas veiculadas pela imprensa da época. A obra foi publicada em 1902, cinco anos após o final do conflito. Os artigos e reportagens produzidos por Cunha na função de correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, serviram de fonte inicial na escrita de *Os Sertões*. O discurso subjacente a estes escritos era embasado em ideias cientificistas, positivistas e deterministas, que, por sua vez,



## ECO-REBEL

respaldavam princípios democráticos, abolicionistas e republicanos, ou seja, os enunciados discursivos relacionavam-se com a ideologia vigente e dessa forma regulavam a retórica. Construiu-se, assim, todo o cenário para justificar o aniquilamento de Antônio Conselheiro e seus seguidores.

A contraposição ao discurso oficial só ocorreria após o final do conflito, sendo protagonizada pelos principais jornais ao noticiarem o grande número de mortos e os crimes cometidos pelas tropas federais. Posteriormente, a denúncia seria realizada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, confirmando uma transformação/reconfiguração da Formação Discursiva empregada nas reportagens produzidas na função de correspondente do jornal *A Folha de São Paulo*. Foram identificadas, assim, formações discursivas diversas, forjadas no palco dos acontecimentos, como o fanatismo em relação aos ideais republicanos e a barbárie da degola protagonizados pelos soldados, e narrados apenas em *Os Sertões*. Verificou-se, sobretudo, o papel da relação dialógica dos fatores exoecológicos na produção semântica da informação no Brasil

Em *Os sertões* identificam-se a inter-relação e imbricamento entre o homem, a terra e a luta. Sob a perspectiva da análise de discurso ecológica, podemos correlacionar isso com a tríade que configura a base da ecolinguagem: povo, território e língua. Verifica-se, sobretudo, o papel da relação dialógica dos fatores exoecológicos na produção semântica da informação no Brasil.

A análise do discurso ecológica mostrou-se adequada para o estudo do discurso euclidiano e suas transformações/reconfigurações, visto que sua construção resultou de um processo interativo entre enunciados, ambientes sociais, culturais, políticos, cognitivos, numa perspectiva ecossistêmica.

### Referências

- Albuquerque, Davi Borges de. *Ensaio de Ecolinguística teórica e aplicada*. 1. ed. – Brasília: Anderson Nowogrodzki da Silva Editor, 2018.
- ALVES, Vera Lúcia Santos & ACIOLI, Moab Duarte. Poesia na prosa: a dobra ecolinguística no jornalismo literário contemporâneo. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 105-124, jan./jul. 2021.
- AZPEITIA, Juan Ignacio. *Espelhos de Canudos na Guerra de Vargas Llosa*. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, Departamento de Ciências Humanas, *Campus I*. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.
- BARONI, Alice. A Guerra de Canudos e a construção discursiva euclidiana. *Revista Rumores*. Edição 9, volume 1, jan.-jun. de 2011.

## ECO-REBEL

- CALASANS, José. *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual da Cultura, EGBA.1997.147p.-(Coleção Memória da Bahia 5).
- \_\_\_\_\_. Canudos – origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. *Revista USP*. São Paulo, n. 54, p. 72-81, 2002.
- \_\_\_\_\_. Canudos - origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Salvador, n. 34, p. 47-63, 1987.
- CASTRO, C. *Os militares e a república: um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- \_\_\_\_\_, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão*. 2a. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os sertões*. 3. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis, Vozes, 1971.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. Os Sertões, um olhar sobre seus 120 anos. *Pontos de Interrogação*, v. 12, n. 2, jul-dez, p. 17-27, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/16399/11127> acesso em: 04/02/2023.
- INDURSKY, Freda. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre, Sagra-Luzzatto, 2000. (Col. Ensaios, 15).
- PÊCHEUX, Michel & FUCHS, Catherine (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise. & HAK, Tony (org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1990.
- RIBEIRO, E. S. *Desordem e retrocesso: os discursos científicos e cientificistas acerca da Guerra de Canudos na imprensa*. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. 350 f.
- SILVA, Edilane Ferreira da; COSTA, Érika Maria Asevedo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Topofobia e topofilia em “A Terra”, de “Os Sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. *Soc. & Nat.*, Uberlândia, 26 (2): 253-260, mai/ago/2014.
- VILLA, Marco Antônio. *Canudos: o povo da terra*. São Paulo: Ática, 1995.

Aceito em 05 de abril de 2023.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE  
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 9, N. 2, 2023.